

AULA 6

ESCOAMENTO PERMANENTE DE FLUIDO INCOMPRESSÍVEL EM CONDUTOS FORÇADOS

Prof. Geronimo Virginio Tagliaferro

DEFINIÇÕES

DEFINIÇÕES

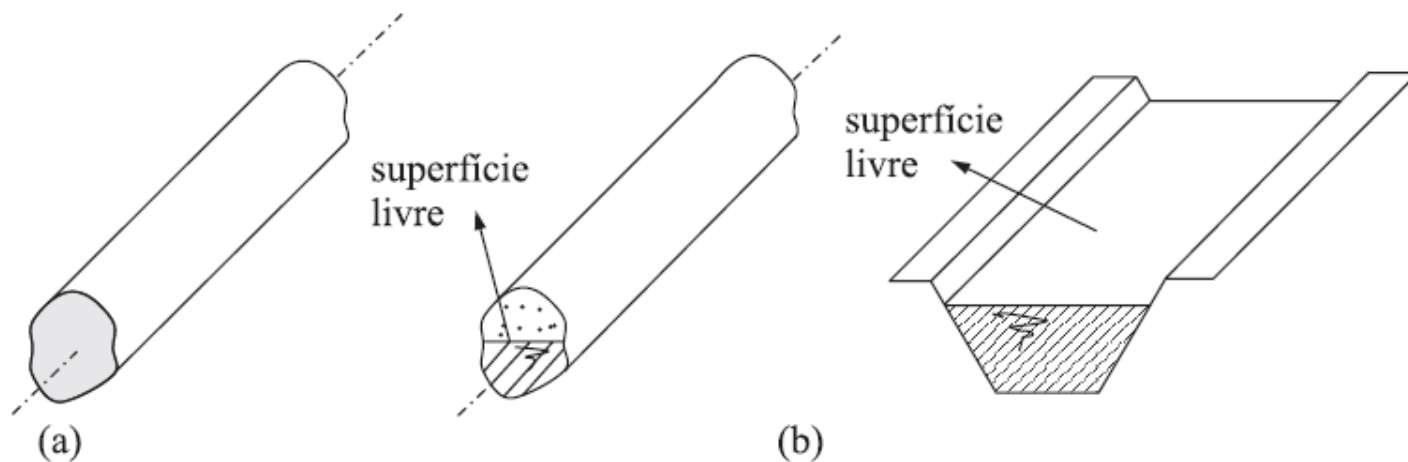
A seguir, serão introduzidas definições e conceitos utilizados ao longo do assunto.

1. Conduitos – Classificação

Conduto é qualquer estrutura sólida, destinada ao transporte de fluidos. Os conduitos são classificados, quanto ao comportamento dos fluidos em seu interior, em forçados e livres.

DEFINIÇÕES

O conduto é dito forçado quando o fluido que nele escoar preenche totalmente, estando em contato com toda a sua parede interna, não apresentando nenhuma superfície livre (Figura a). O conduto é dito livre quando o fluido em movimento apresenta uma superfície livre (Figura b).



DEFINIÇÕES

2. Raio e diâmetro hidráulico

Raio hidráulico (R_H) é definido como:

$$R_H = \frac{A}{\sigma}$$

Onde: A = área transversal do escoamento do fluido;

σ = perímetro "molhado" ou trecho do perímetro, da seção de área A , em que o fluido está em contato com a parede do conduto.

DEFINIÇÕES

2. Raio e diâmetro hidráulico


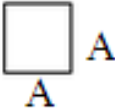
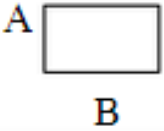
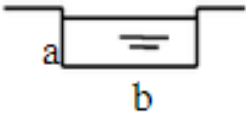
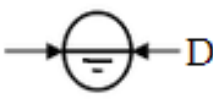
Diâmetro hidráulico (D_H) é definido como:

$$D_H = 4R_H$$

A tabela a seguir apresenta alguns exemplos:

DEFINIÇÕES

2. Raio e diâmetro hidráulico

SEÇÃO	Área	P	Rh	Dh
	$\pi \frac{D^2}{4}$	πD	$\frac{D}{4}$	D
	a^2	$4a$	$\frac{a}{4}$	A
	ab	$2(a + b)$	$\frac{ab}{2(a + b)}$	$\frac{2ab}{a + b}$
	ab	$2a + b$	$\frac{ab}{2a + b}$	$\frac{4ab}{2a + b}$
	$\pi \frac{D^2}{8}$	$\pi \frac{D}{2}$	$\frac{D}{4}$	D

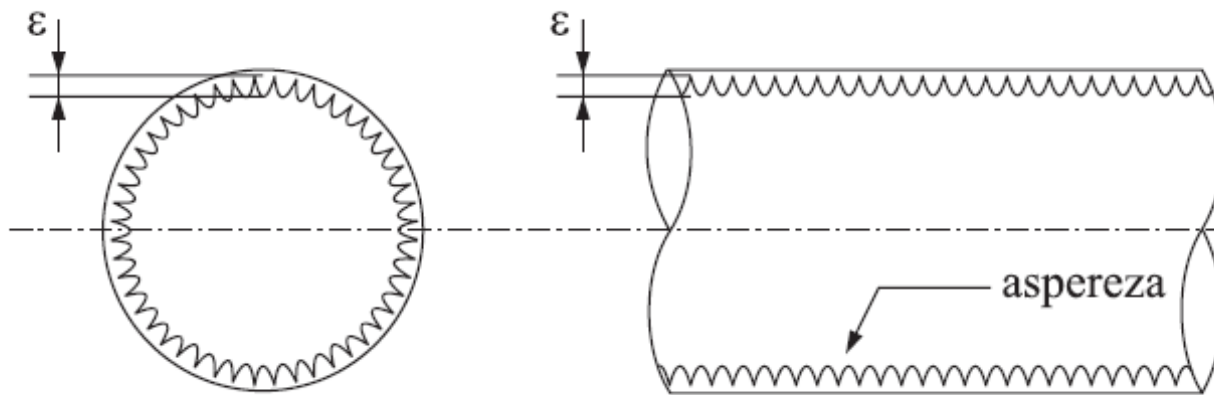
DEFINIÇÕES

3. Rugosidade

Os condutos apresentam asperezas nas paredes internas que influem na perda de carga dos fluidos em escoamento. Em geral, tais asperezas não são uniformes, mas apresentam uma distribuição aleatória tanto em altura como em disposição. No entanto, para efeito de estudo, supõe-se inicialmente que as asperezas tenham altura e distribuição uniformes. A altura uniforme das asperezas será indicada por ε e denominada "rugosidade uniforme".

DEFINIÇÕES

3. Rugosidade



Para efeitos do estudo das perdas no escoamento de fluidos, é fácil compreender que elas não dependem diretamente de ϵ , mas do quociente D_H/ϵ que será chamado "rugosidade relativa".

DEFINIÇÕES

3. Rugosidade

$$\text{Rug. Relat.} = \frac{D_H}{\varepsilon}$$

Material	Rugosidade equivalente (mm)		
Aço, revestimento asfalto quente	0,3	a	0,9
Aço, revestimento esmalte centrifugado	0,01	a	0,06
Aço enferrujado ligeiramente	0,15	a	0,3
Aço enferrujado	0,4	a	0,6
Aço muito enferrujado	0,9	a	2,4
Ferro galvanizado novo, com costura	0,15	a	0,2
Ferro galvanizado novo, sem costura	0,06	a	0,15
Ferro fundido revest. asfalto	0,12	a	0,20
Ferro fundido com crostas	1,5	a	3,0
PVC e Cobre	0,015		
Cimento-amianto, novo	0,05	a	0,10

DEFINIÇÕES

4. Classificação das perdas de carga

Se for examinado o comportamento do escoamento de fluidos em condutos, será possível distinguir dois tipos de perdas de carga (não esqueça que perda de carga é a energia perdida pela unidade de peso do fluido quando este escoar).

O primeiro tipo é “**perda de carga distribuída**”, que será indicada por h_d . Tal perda, como o próprio nome diz, é a que acontece ao longo de tubos retos, de seção constante, devido ao atrito das próprias partículas do fluido entre si.

DEFINIÇÕES

4. Classificação das perdas de carga

Note-se que nessa situação a perda só será considerável se houver trechos relativamente longos de condutos, pois o atrito acontecerá de forma distribuída ao longo deles.

O segundo tipo corresponde às chamadas "**perdas de carga locais ou singulares**", que serão indicadas por h_l . Elas acontecem em locais das instalações em que o fluido sofre perturbações bruscas no seu escoamento.

DEFINIÇÕES

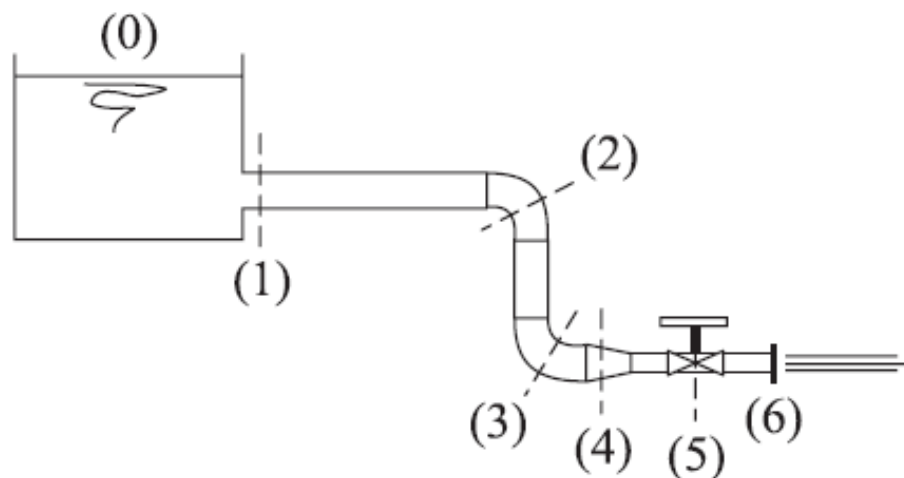
4. Classificação das perdas de carga

Essas perdas podem, diferentemente das anteriores, ser grandes em trechos relativamente curtos da instalação, como, por exemplo, em válvulas, mudanças de direção, alargamentos bruscos, obstruções parciais, etc.

Esses locais, nas instalações, costumam ser chamados de “singularidades”, provindo daí o nome de “perdas de carga singulares”. A figura a seguir mostra uma instalação em que são indicados os tipos de perdas que irão acontecer.

DEFINIÇÕES

4. Classificação das perdas de carga



Entre (1 e 2), (2 e 3), (3 e 4), (4 e 5) e (5 e 6) existem perdas distribuídas. Em (1) estreitamento brusco, (2) e (3) cotovelos, (4) estreitamento, (5) válvula, existem perdas localizadas.

DEFINIÇÕES

4. Classificação das perdas de carga

Mais adiante será observado que o cálculo de umas e outras perdas será efetuado de formas diferentes, como era de esperar, já que as primeiras dependem do comprimento do conduto, enquanto as outras não dependem.

CÁLCULO DA PERDA DE CARGA DISTRIBUÍDA EM DUTO FORÇADO

PERDA DE CARGA DISTRIBUÍDA

A perda de carga distribuída em conduto forçado é calculada com a fórmula universal de perda de carga distribuída:

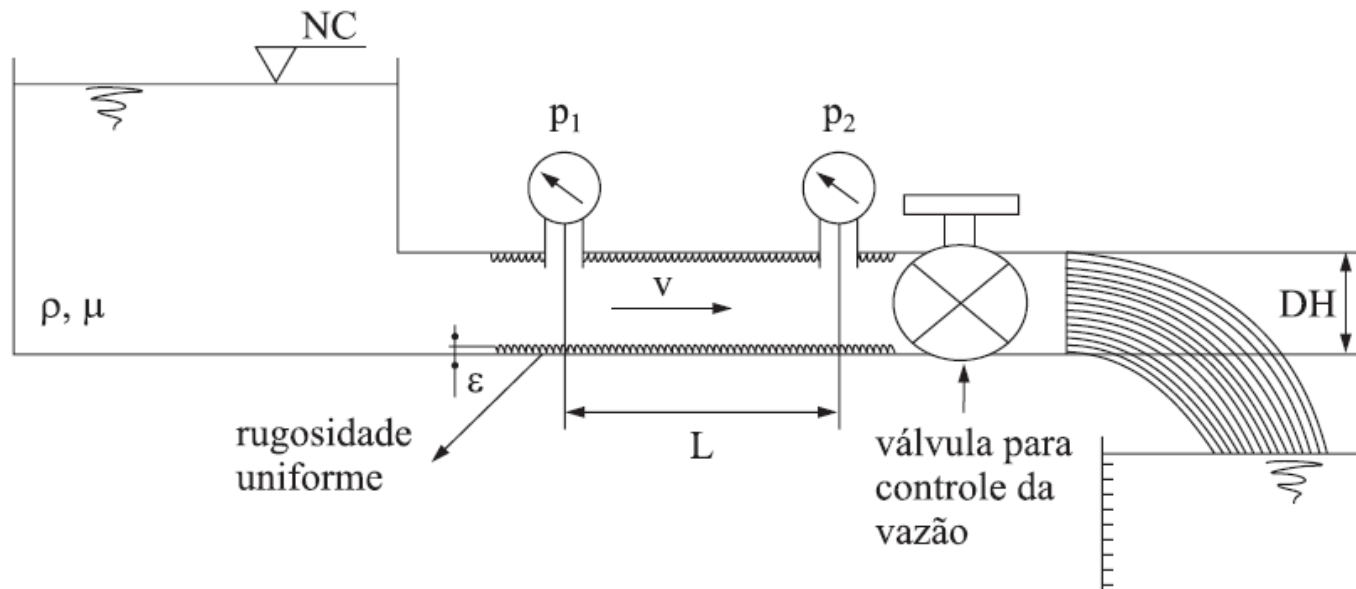
$$h_d = f \frac{L}{D_H} \frac{V^2}{2g} \quad (\text{Equação de Darcy-Weisbach})$$

onde D é o diâmetro do conduto, L o comprimento do conduto, V é a velocidade média, g é a gravidade e f é o coeficiente de perda de carga distribuída.

Experiência de Nikuradse

Nikuradse realizou uma experiência em procurou determinar a função. Dentro do conduto colocou areia de granulidade uniforme

$$f = f\left(\text{Re}, \frac{D_H}{\varepsilon}\right) \quad \varepsilon = e = K$$



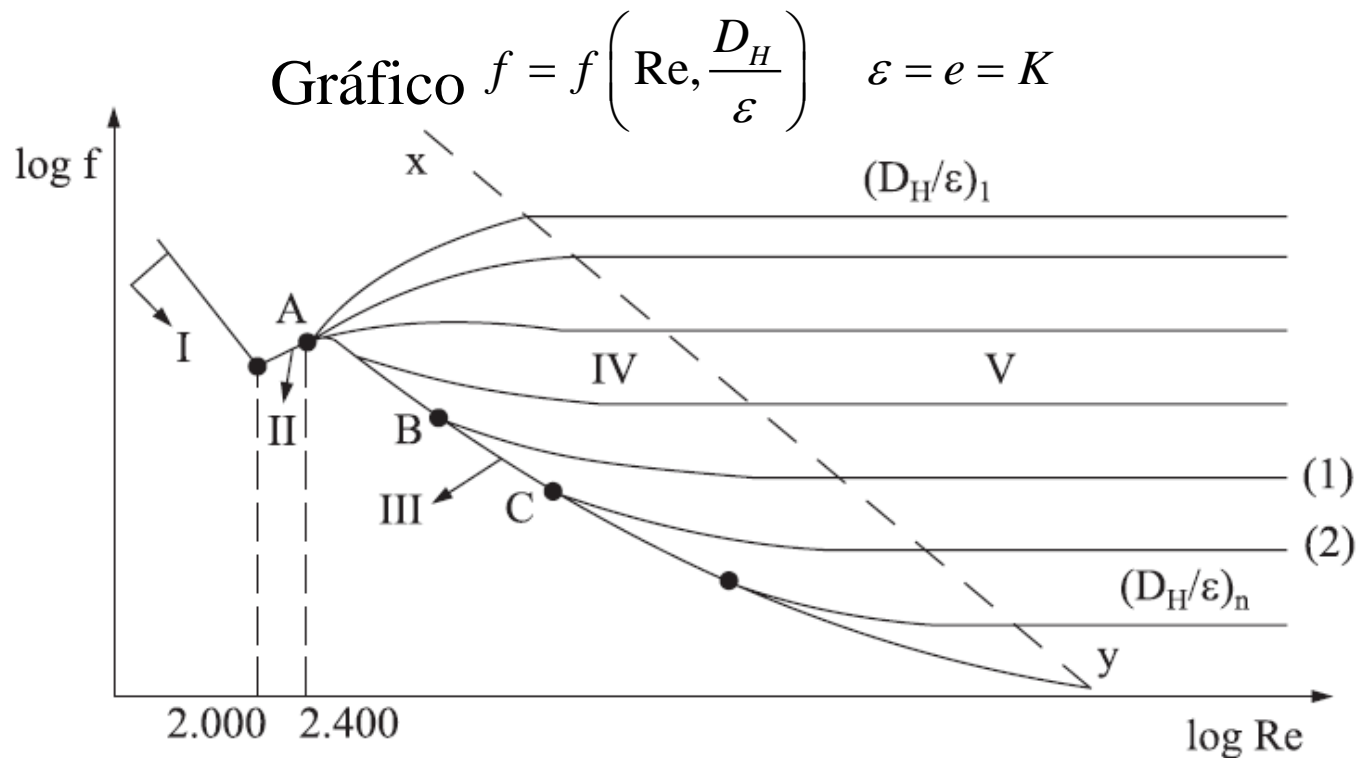
Pela equação da energia:

$$h_f = \frac{(p_1 - p_2)}{\gamma}$$

Logo fixado o D_H/e , obteve uma tabela de f em função de $Re = \rho V D_H / \mu$. Efetuou várias experiências para diversos D_H/e , construiu um gráfico,

$$f = f\left(Re, \frac{D_H}{\varepsilon}\right) \quad \varepsilon = e = K$$

Com diversas regiões características



- (I) $\text{Re} < 2.000$, f é função do Re . Regime Laminar. $F = 64/\text{Re}$.
- (II) $2.000 < \text{Re} < 2.400$, Transição laminar para turbulento.
- (III) D_H/e é decrescente até um certo número de Re . “Regime hidráulicamente liso” (o filme laminar cobre a aspereza).
- (IV) Região de transição da região hidráulicamente liso para rugoso. f começa depender de Re e D_H/e .
- (V) Região hidráulicamente rugoso e f não depende mais de Re .

PERDA DE CARGA DISTRIBUÍDA

Para escoamento laminar, **f independe da rugosidade relativa**

ε/D , sendo possível obter uma expressão analítica para f na forma:

$$f_{\text{laminar}} = \frac{64}{\text{Re}}$$

Para escoamento turbulento, f é obtido por via experimental, tendo por base a seguinte função envolvendo os adimensionais número de Reynolds (Re) e rugosidade relativa (D_H/ε):

PERDA DE CARGA DISTRIBUÍDA

$$f_{turbulento} = \phi \left(\text{Re}, \frac{\varepsilon}{D} \right)$$

As primeiras tentativas experimentais para a determinação da forma da função ϕ , foram realizadas a partir dos anos 1930, utilizando grãos de areia de tamanhos conhecidos colados nas superfícies internas de tubos lisos (Nikuradse).

PERDA DE CARGA DISTRIBUÍDA

Para regime turbulento (**fórmula de Blasius**):

$$f_{turbulento} = \frac{0,316}{\text{Re}^{0,25}}$$

Fórmula de Blasius \Rightarrow relação empírica válida para Re até 10^5 e tubos lisos.

PERDA DE CARGA DISTRIBUÍDA

Colebrook em 1939 combinando os dados disponíveis para o escoamento de transição e turbulento, em **tubos lisos e rugosos industriais**, chegou à seguinte relação implícita para a determinação de f e que ficou conhecida como a fórmula de Colebrook:

$$\frac{1}{\sqrt{f}} = -2,0 \log \left(\frac{\varepsilon / D}{3,7} + \frac{2,51}{\text{Re} \sqrt{f}} \right)$$

Com o logaritmo tomado na base 10.

PERDA DE CARGA DISTRIBUÍDA

A fórmula de Colebrook em 1939 também pode ser escrita da seguinte forma:

$$\frac{1}{\sqrt{f}} = -0,86 \times \ln \left(\frac{\varepsilon / D}{3,7} + \frac{2,51}{\text{Re} \sqrt{f}} \right)$$

Essa equação é válida para tubos rugosos e novos.

PERDA DE CARGA DISTRIBUÍDA

A fórmula de Colebrook requer, em geral, processo de cálculo iterativo para a determinação de f . Muita embora, a convergência desse processo ocorra, normalmente, em até duas, no máximo até três iterações, pode-se evitar esse trabalho utilizando uma fórmula explícita em relação a f que tem sido recomendada:

$$f = \frac{0,25}{\left[\log \left(\frac{\varepsilon / D}{3,7} + \frac{5,74}{\text{Re}^{0,9}} \right) \right]^2}$$

$$10^{-6} \leq \varepsilon/D \leq 10^{-2}$$

e

$$f = \frac{1,325}{\left[\ln \left(\frac{\varepsilon / D}{3,7} + \frac{5,74}{\text{Re}^{0,9}} \right) \right]^2}$$

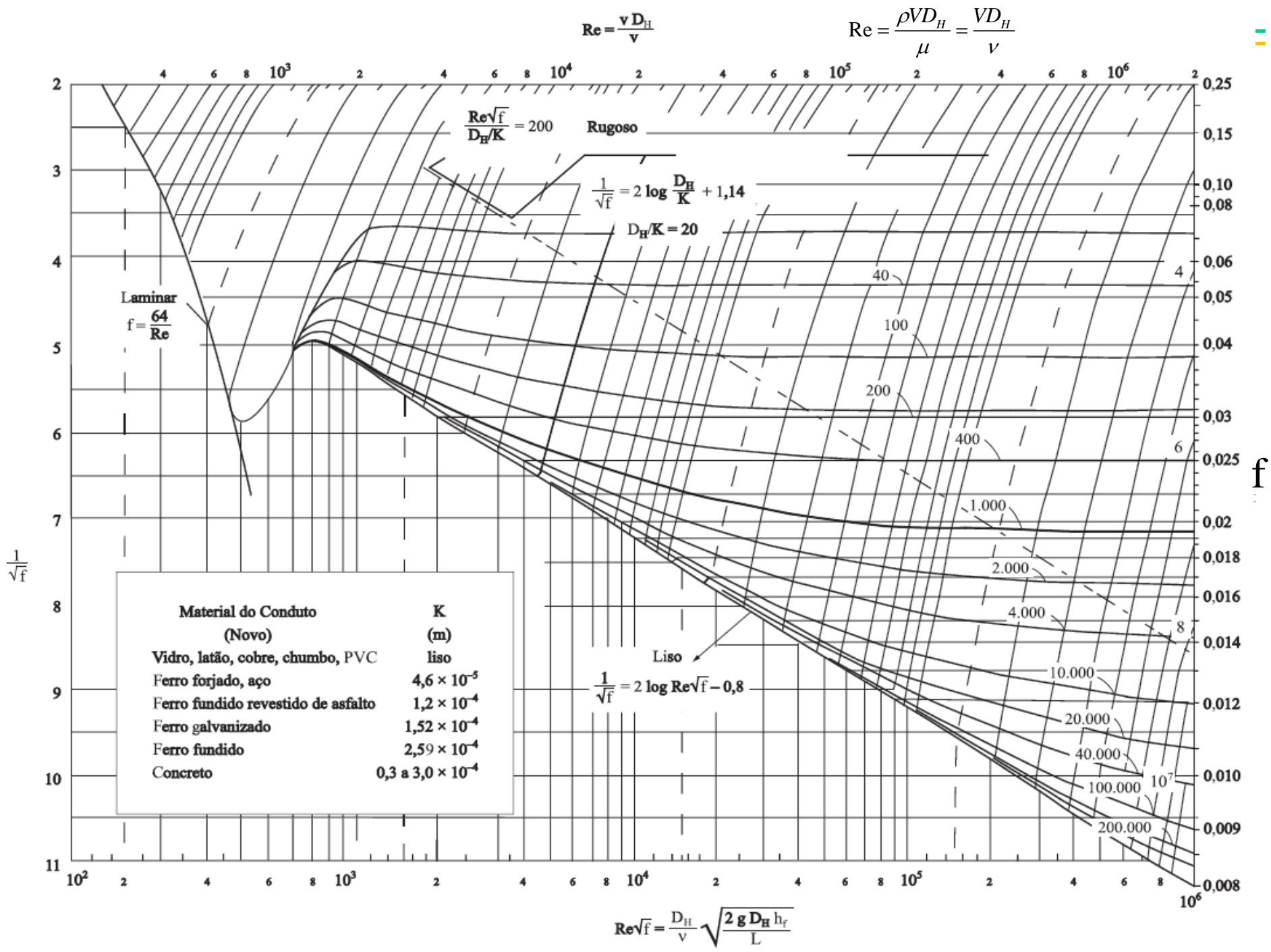
$$5 \times 10^3 \leq \text{Re} \leq 10^8$$

PERDA DE CARGA DISTRIBUÍDA

Rouse criou um gráfico para a determinação de f , incluindo o regime laminar, aplicável às rugosidades de **tubos comerciais**. Moody e posteriormente Rouse, construíram o notório diagrama de Moody-Rouse, o qual está na figura a seguir.

O diagrama de Moody-Rouse fornece valores de f com uma incerteza de até 15% dos dados experimentais.

Observa-se que o diagrama de Moody-Rouse é subdividido em regiões onde o escoamento apresenta características peculiares igual o de Nikuradse.



f

Exercício 1: Determinar a perda de carga por Km de comprimento de uma tubulação de aço de seção circular de diâmetro 4,5 cm. O fluido é óleo ($\nu = 1,06 \times 10^{-5} \text{ m}^2/\text{s}$) e a vazão é 190 L/s.

CÁLCULO DA PERDA DE CARGA LOCALIZADA EM DUTO FORÇADO



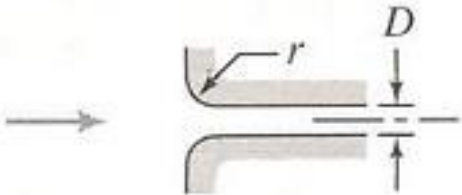
PERDA DE CARGA LOCALIZADA

A perda de carga localizada h_L em duto forçado é calculada por meio de:

$$h_L = K \frac{V^2}{2g}$$

Onde K é o coeficiente de perda de carga localizada (ou singular).

PERDA DE CARGA LOCALIZADA

Tipo de Entrada	Coeficiente de Perda Localizada, K^a								
Reentrante 	0,78								
Borda viva 	0,5								
Arredondado 	<table border="1"> <tr> <td>r/D</td> <td>0,02</td> <td>0,06</td> <td>$\geq 0,15$</td> </tr> <tr> <td>K</td> <td>0,28</td> <td>0,15</td> <td>0,04</td> </tr> </table>	r/D	0,02	0,06	$\geq 0,15$	K	0,28	0,15	0,04
r/D	0,02	0,06	$\geq 0,15$						
K	0,28	0,15	0,04						

^a Baseado em $h_{l_e} = K(\bar{V}^2/2)$, onde \bar{V} é a velocidade média no tubo.

EQUAÇÃO DA ENERGIA PARA REGIME PERMANENTE

DEFINIÇÕES

Com base no fato que a energia não pode ser criada nem destruída, mas apenas transformada, é possível construir uma equação que permitirá fazer o balanço das energias.

✓ Equação da energia

1. Tipos de Energia

- Energia potencial;
- Energia Cinética;
- Energia de pressão, ou:
- Energia mecânica total do sistema.

A equação mais simples

- Equação de Bernoulli

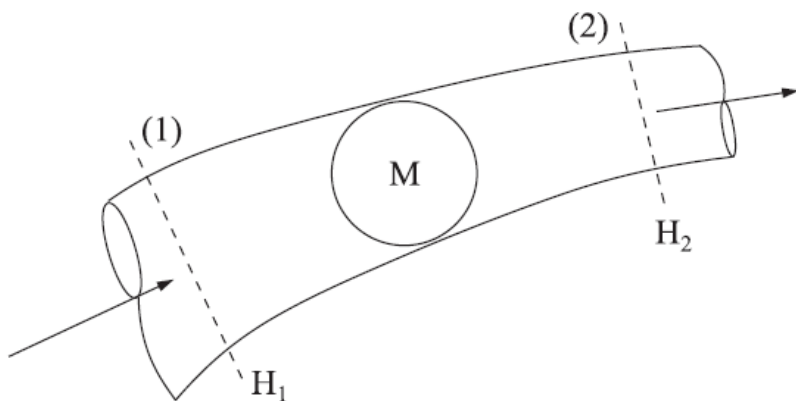
$$H_1 = H_2$$

$$\frac{p_1}{\gamma} + \frac{V_1^2}{2g} + z_1 = \frac{p_2}{\gamma} + \frac{V_2^2}{2g} + z_2$$

Mas e se tiver uma máquina entre os trechos??

EQUAÇÃO DA ENERGIA E PRESENÇA DE UMA MÁQUINA

- ✓ Máquina, qualquer dispositivo que introduzido no escoamento, retire ou forneça energia para o sistema, na forma de trabalho.
- ✓ Bombas (fornece energia), ou turbinas (retira energia).
- ✓ Hipóteses: fluido incompressível, temos:



Se não houvesse máquina:

$$H_1 = H_2$$

Se a máquina for uma bomba o fluido receberá um acréscimo De energia.

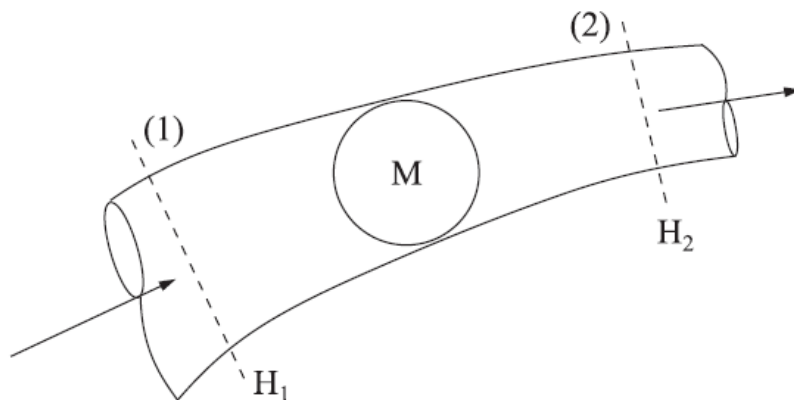
$$H_2 > H_1$$

EQUAÇÃO DA ENERGIA E PRESENÇA DE UMA MÁQUINA

Para restabelecer a igualdade, devemos somar ao primeiro membro a energia fornecida à unidade de peso do fluido da máquina.

$$H_1 + H_B = H_2$$

H_B – a carga ou altura manométrica da bomba. Representa a energia fornecida à unidade de peso do fluido que passa pela bomba.



EQUAÇÃO DA ENERGIA E PRESENÇA DE UMA MÁQUINA

Se a máquina for uma turbina, $H_1 > H_2$, pois por definição, a turbina retira energia do fluido. Para restabelecer a igualdade:

$$H_1 - H_T = H_2$$

H_T – a carga ou altura manométrica da turbina. Representa a energia retirada da unidade de peso do fluido pela turbina.

Para uma máquina H_M , temos:

$$H_1 + H_M = H_2$$

Lembrando os tipos de energias,

$$\frac{p_1}{\gamma} + \frac{V_1^2}{2g} + z_1 + H_M = \frac{p_2}{\gamma} + \frac{V_2^2}{2g} + z_2$$

POTÊNCIA DA MÁQUINA E NOÇÃO DE RENDIMENTOS

- Potência: é o trabalho por unidade de tempo.
- Como o trabalho é uma energia mecânica, podemos generalizar definindo para o Fluido:

Potência: é qualquer energia mecânica por unidade de tempo.

$$N = \frac{\text{Energia mecânica}}{\text{tempo}} \quad \text{equivalente} \quad \rightarrow \quad N = \frac{\text{Energia mecânica}}{\text{peso}} \times \frac{\text{peso}}{\text{tempo}}$$

A energia por peso é denominada de “carga”.

$$N = \text{carga} \times Q_G$$

$$N = \gamma Q \times \text{carga}$$

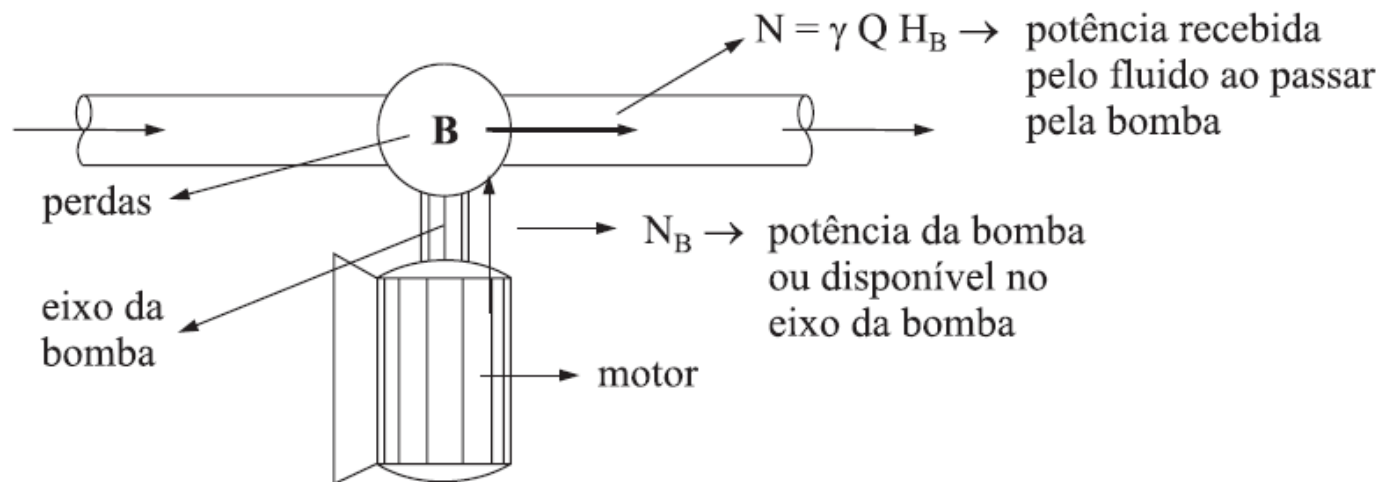
A equação da potência para um fluido será:

$$N = \gamma QH$$

POTÊNCIA E RENDIMENTO DE BOMBAS E TURBINA

Na transferência de energia sempre existem perdas e, portanto, nem toda potência recebida ou cedida pelo fluido coincidirá com a potência da máquina.

Bombas: Potência



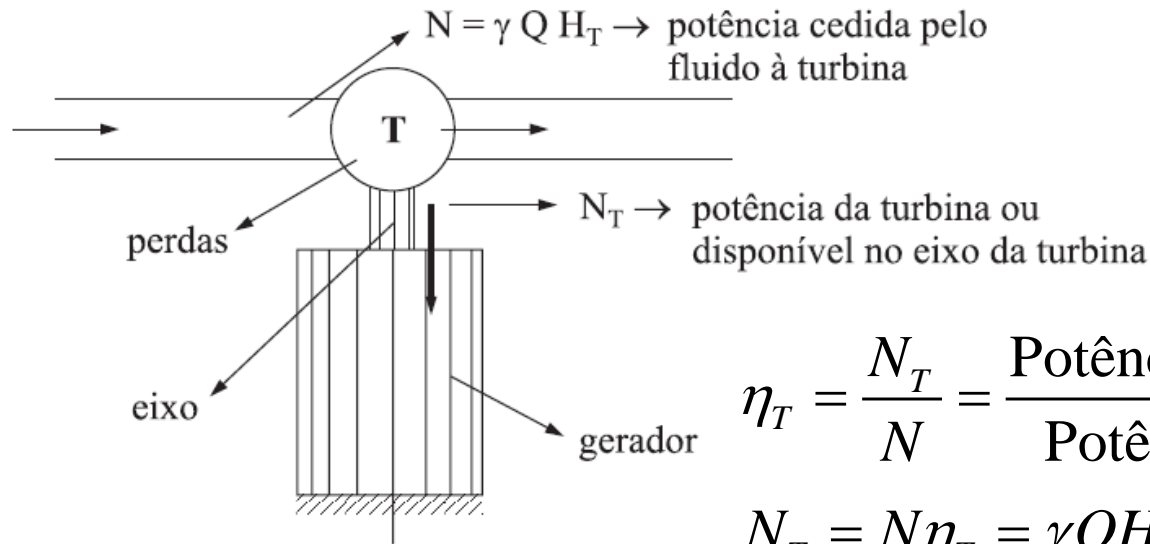
Rendimento:

$$\eta_B = \frac{N}{N_B} = \frac{\text{Potência que o fluido recebeu}}{\text{Potência que a bomba cedeu}}$$

$$N_B = \frac{N}{\eta_B} = \frac{\gamma Q H_B}{\eta_B}$$

POTÊNCIA E RENDIMENTO DE BOMBAS E TURBINA

Na turbina:



$$\eta_T = \frac{N_T}{N} = \frac{\text{Pot\u00eancia que a turbina recebeu}}{\text{Pot\u00eancia que o flu\u00eddo cedeu}}$$

$$N_T = N\eta_T = \gamma Q H_T \eta_T$$

Unidades de pot\u00eancia:

SI: $N.m/s = J/s = W$ (watt) $\rightarrow 1 \text{ kgm/s} = 9,8 \text{ W}$

MKS: $\text{kgf.m/s} = \text{kgm/s}$

Outras unidades:

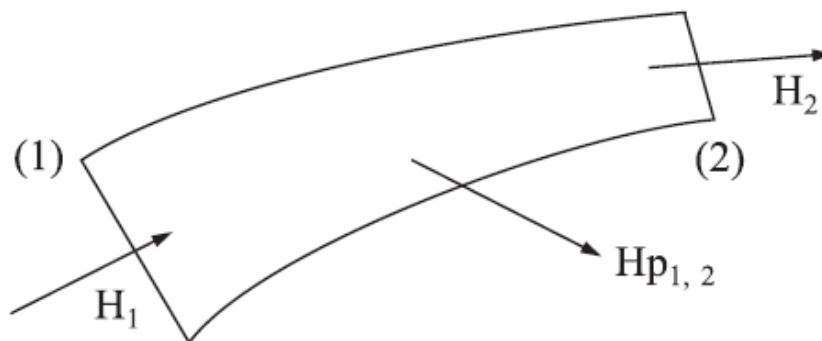
$1 \text{ CV} = 75 \text{ kgm/s} = 735 \text{ W}$

$1 \text{ HP} = 1,014 \text{ CV}$

EQUAÇÃO DA ENERGIA PARA FLUÍDO REAL

Sabemos, que ocorre atrito no transporte do fluido e portanto não podemos tratar o fenômeno em estudo como um fluido ideal.

Na verdade, temos que considerar como um fluido real, com atrito e perdas de energia no transporte. Com isso,



Durante o transporte, $H_1 > H_2$, querendo restabelecer a igualdade:

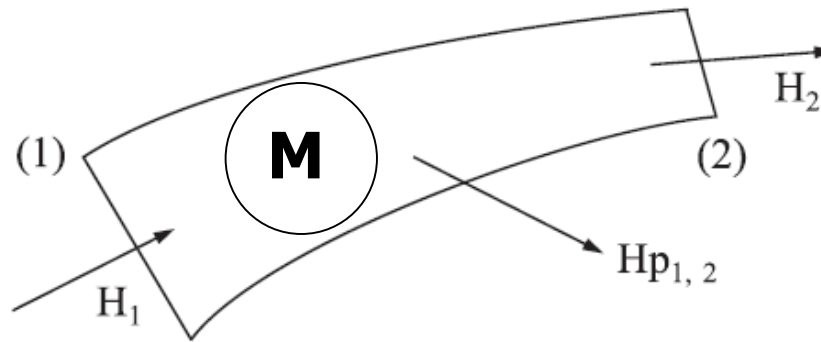
$$H_1 = H_2 + H_{p1,2}$$

$H_{p1,2}$ – energia perdida entre (1) e (2) por unidade de peso do fluido.

“Perda de carga”

EQUAÇÃO DA ENERGIA PARA FLUÍDO REAL

Se for considerada a presença de uma máquina no trecho entre (1) e (2), a equação será:



$$H_1 + H_M = H_2 + H_{p1,2}$$

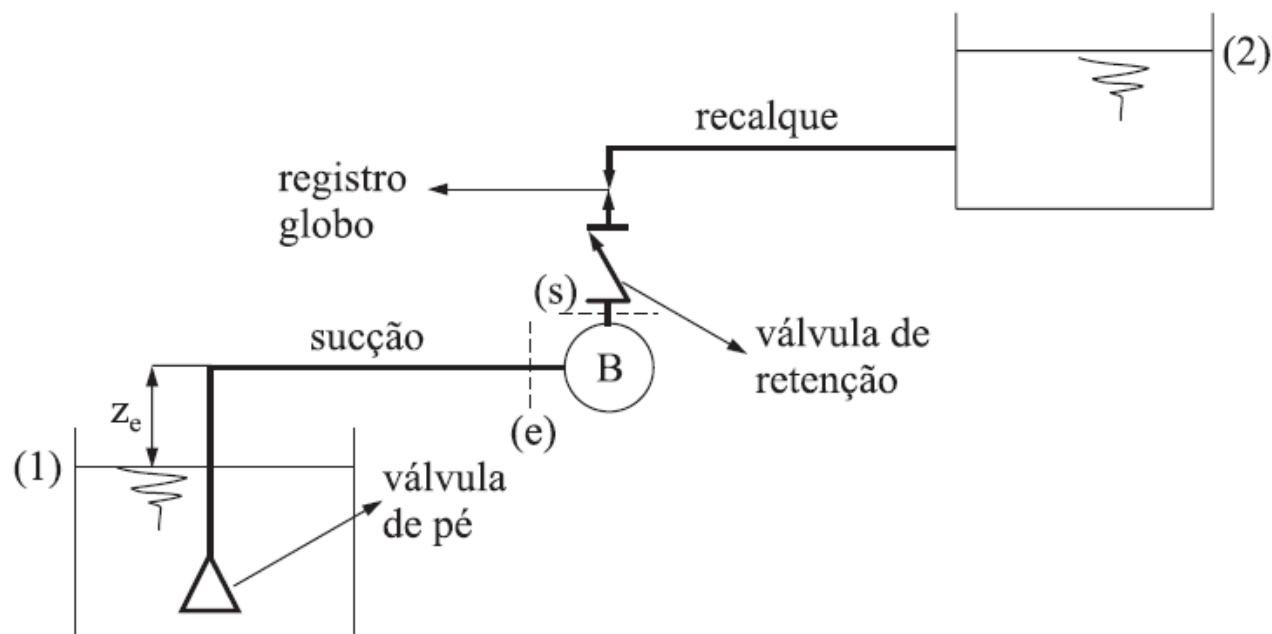
$$\frac{p_1}{\gamma} + \frac{V_1^2}{2g} + z_1 + H_M = \frac{p_2}{\gamma} + \frac{V_2^2}{2g} + z_2 + H_{p1,2}$$

Potência referente
ao atrito:

$$N_{diss.} = \gamma Q H_{p1,2}$$

INSTALAÇÕES DE BOMBEAMENTO

É o conjunto de equipamentos que permite o transporte e controle da vazão de um fluido.



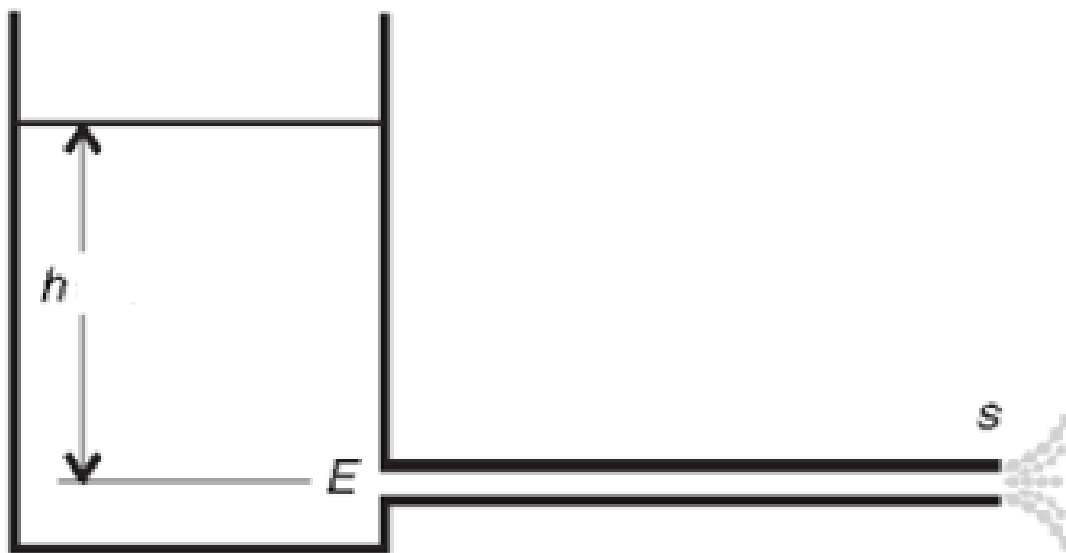
- Sucção: é a seção que vai desde o reservatório até a bomba.
- Recalque: é a seção que liga a bomba até o reservatório de descarga.

EXERCÍCIOS - PERDAS DE CARGAS

EXERCÍCIO 1 - Determinar a perda de carga distribuída para o escoamento de 140 L/s de óleo ($\nu = 1 \times 10^{-5} \text{ m}^2/\text{s}$), num tubo de ferro fundido de 400 m de comprimento e 200 mm de diâmetro.

Dado: $\varepsilon = 0,25 \text{ mm}$

EXERCÍCIO 2 - Uma tubulação horizontal de aço comercial de comprimento 90,0 m, diâmetro 7,5 cm e rugosidade 0,046 mm, transporta água de um grande reservatório aberto, descarregando para a atmosfera. A entrada do duto é de cantos vivos a 90° ($K = 0,5$). Determine a altura de líquido, acima da linha central do duto, em metros, que deve ser mantida no reservatório para que a vazão volumétrica de descarga de água seja 8,0 L/s.



Exercício 3: Calcule o diâmetro de um tubo de aço que deverá transportar uma vazão de 19 L/s de querosene ($\nu = 3,0 \times 10^{-6}$ m²/s) a uma distância de 600 m, com uma perda de carga de 3 m. (Solução por tentativa e erro).

Exercício 4

Sendo a pressão p_8 mantida igual a 532 kPa constante, determinar a potência da bomba de rendimento 0,7 e a pressão na entrada dela se a vazão for 40 L/s. Dados: tubos de ferro galvanizado ($k = 0,15 \times 10^{-3}$ m); $k_{s_1} = 15$; $k_{s_2} = k_{s_6} = 0,9$; $k_{s_3} = k_{s_5} = 10$; $k_{s_7} = 1$; $k_{s_4} = 0,5$; $p_{v_{H_2O}} = 1,96$ kPa (abs); $\gamma = 10^4$ N/m³; $\nu = 10^{-6}$ m²/s; $p_{atm} = 101$ kPa.

Indica-se com índice S o que se refere à sucção e com R o que se refere ao recalque. Dados: $D_S = 15$ cm; $D_R = 10$ cm.

